

## “GUARDIÃ DA MEMÓRIA”: A TRAJETÓRIA DA COLECIONADORA MARISA MUNIZ E A FUNDAÇÃO DO MUSEU DO SERTÃO ANTÔNIO COELHO, REMANSO-BA

### “KEEPER OF MEMORY”: THE TRAJECTORY OF THE COLLECTOR MARISA MUNIZ AND THE FOUNDATION OF THE MUSEU DO SERTÃO ANTÔNIO COELHO, REMANSO-BA

Andreiza Oliveira Silva<sup>1</sup>

Leandro Elias Canaan Mageste<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho parte do estudo teórico e metodológico das categorias de museu, coleção e colecionador, para o entendimento da trajetória da colecionadora Marisa Muniz, frente ao cenário de formação das coleções que compõem o Museu do Sertão Antônio Coelho, situado na Rua Francisco Leobas, nº 586, município de Remanso, Bahia. Trata-se de um museu dedicado à memória de Remanso Velho, cidade que foi submersa pelas águas do Rio São Francisco, cujo acervo é formado por objetos e peças pertencentes à antiga cidade. Nesse sentido, nosso objetivo consiste em apresentar a história de Marisa Muniz, fundadora do espaço, ressaltando sua importância para criação, consolidação e preservação dos objetos e produtos que formam o acervo. Em termos metodológicos, as ferramentas usadas neste trabalho foram as pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas. A partir disso, foi possível conhecer a história de Dona Marisa Muniz, no âmbito de sua trajetória enquanto colecionadora, em uma luta praticamente solitária para criação e manutenção do Museu do Sertão Antônio Coelho. **Palavras-chaves:** Colecionadora, Coleção, Museu.

**Abstract:** This work is based on a theoretical and methodological study of the categories of museum, collection and collector, in order to understand the trajectory of the collector Marisa Muniz, in view of the formation of the collections that make up the Museu do Sertão Antônio Coelho, located at Rua Francisco Leobas, n. 586, municipality of Remanso, Bahia. It is a museum dedicated to the memory of Old Remanso, a city that was submerged by the waters of the São Francisco River, whose collection is made up of objects and pieces belonging to the old city. In this sense, our objective is to present the story of Marisa Muniz, founder of the space, highlighting her importance for the creation, consolidation and preservation of the objects and products that make up the collection. In methodological terms, the tools used in this work were bibliographic research, field research, photographic records and semi-structured interviews. From this, it was possible to know the story of Dona Marisa Muniz, within the scope of her trajectory as a collector, in a practically solitary struggle for the creation and maintenance of the Museu do Sertão Antônio Coelho. **Keywords:** Collector, Collection, Museum.

<sup>1</sup> Mestranda em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque Univasf), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (Fapepi). E-mail: andreizaoliveira1234@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque e Carqueol Univasf). E-mail: leandromageste@gmail.com

## Introdução

Apoiado nos conceitos de museu, coleção e colecionador, o presente trabalho tem como objetivo apresentar a trajetória da colecionadora Marisa Muniz, por meio de suas vivências de colecionismo de objetos, formação de coleções museológicas e criação de museu. Para isso, enfatizaremos a sua biografia, frente ao processo de composição das coleções museológicas do acervo do Museu do Sertão Antônio Coelho.

Dona Marisa Muniz é colecionadora de objetos pertencentes ao contexto de Remanso Velho, cidade que foi submersa pela água do Rio São Francisco, com a construção do Lago de Sobradinho. Além disso, é também culinária e escritora, com três livros publicados. Nesse sentido, apresenta-se como mulher sertaneja, que ao perceber a história e cultura de Remanso Velho se desconfigurou com a chegada da água do rio, preocupou-se com a memória de sua antiga cidade, buscando resguardar lembranças e sentimentos através do ato de colecionar objetos.

Assim, esse trabalho apresenta a história dessa guardiã da memória. Porém, vale enfatizar que o objetivo não é destacar exclusivamente a descrição de sua vida pessoal, mas elencar as experiências que a consagram como colecionadora. Consequentemente, poderemos discorrer sobre as escolhas e práticas que moldaram sua vida em termos sociais, ponderando sobre seu perfil, em compasso com o interesse por juntar e expor objetos.

Na empreitada, a pesquisa segue embasamento e inspiração de outros estudos realizados a partir das interfaces entre Arqueologia e Museologia, pautadas em aspectos patrimoniais, com o intuito de entender as estratégias de colecionismo e os significados atrelados a estes movimentos. Entre essas iniciativas, podemos citar os trabalhos de Antônio Manoel Elíbio Júnior (2014), de Cláudia de Oliveira (2014), Michel Platini Fernandes da Silva (2010), Márcia Bezerra (2017), para mencionar alguns exemplos de pesquisadores que debruçaram sobre a temática. Apresentam propostas que dialogam com perspectivas do fazer arqueológico e museológico, em conexão com processos de patrimonialização e sua relação com a sociedade.

### **Bases teóricas e metodológicas**

Do ponto de vista teórico, tornou-se necessário explicitar o entendimento acerca dos conceitos de museu, coleção e colecionador, no intuito de observar suas interfaces com a realidade observada na trajetória de Marisa Muniz, destacando sua imagem de colecionadora, na formação do Museu do Sertão Antônio Coelho.

O termo Museu vem do grego, palavra que se originou na Grécia Antiga, *mouseion*, para designar o templo dedicado às nove Musas, filha de Zeus com Mnemosine (Memória). Vale ressaltar que as formas e funções dos museus passaram por várias mudanças ao longo do tempo, em consonância com quadros históricos e sociais. Estas transformações envolvem desde o funcionamento até a missão, conteúdo e administração.

Segundo Cury (2005), os museus foram se institucionalizando de maneira lenta e gradual, transformando-se em um espaço reservado para a sociedade, com a finalidade de comunicar o patrimônio. De acordo com Desvallées e Mairesse (2013), a palavra museu pode designar tanto uma instituição quanto um estabelecimento ou lugar, geralmente destinado para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos materiais e imateriais, que em seu conjunto, formam coleções museológicas.

Uma coleção museológica pode ser entendida como um conjunto de objetos e coisas reunidos em um determinado local, seguindo os critérios e desejos do colecionador. Os objetos das coleções são selecionados e organizados em um contexto que assegure sua preservação e conservação, constituindo uma ligação entre visível (material) e o invisível (significados) (Pomian, 1984). Para formação de uma coleção, é necessário o agrupamento de objetos que componham um conjunto, podendo ser de natureza pública ou privada, cujo interesse está frequentemente voltado para a preservação e comunicação (Desvallées; Mairesse, 2013).

Nessa conjuntura, este estudo mostra-se relevante para o entendimento dos objetos colecionados, ressaltando sua concepção enquanto patrimônio, levando em consideração as escolhas da colecionadora e a forma como estas são recepcionadas. Desse modo, a noção de patrimônio ganha dimensão em práticas pertinentes ao ato de juntar objetos, pois conforme salienta Funari e Carvalho (2009), patrimônios são importantes portadores de mensagens

devido ao seu próprio caráter de cultura material e imaterial, sendo utilizados pelos indivíduos para produzir significados e lembranças.

Desse modo, patrimônios podem ser examinados por meio de um olhar arqueológico, atento para compreender o papel que os objetos assumem em sociedade. Por esse viés, nosso entendimento de olhar arqueológico baseia-se nas premissas de autoras como Cabral (2014) e Bezerra (2017). Para elas, a arqueologia é uma forma de conhecimento que permite construir e entender narrativas para objetos de diferentes temporalidades, preocupando-se com o afeto e a memória evocada pela materialidade. A percepção converge com os esforços de refletir sobre aspectos que condicionam o processo de patrimonialização, ou em outras palavras, no caso desta pesquisa, pensar no ato de colecionar dentro dos enquadramentos fornecidos pela figura da colecionadora.

De fato, o colecionador é o responsável pelo ajuntamento de objetos, ou seja, é o proprietário da coleção, pois o mesmo é responsável pela sua construção, assim como pela dedicação de tempo e cuidado dedicados aos objetos, sejam eles pertencentes a um museu ou não. A figura do colecionador não é definida pelo ato de colecionar coisas que não exercem sua função convencional, mas sim, pela relação construída com os artefatos colecionados (Baudrillard, 2002).

De acordo com Baudrillard (2002), o colecionador só se constitui como tal ao ser percebido como parte da coleção, tendo como resultado a interação recíproca do objeto colecionado e do indivíduo colecionador. Desse modo, o colecionador torna-se objeto da própria coleção, pois sua relação e paixão pelos objetos e pelo colecionismo passam a integrar itens que são fundamentais para a composição da coleção. Assim, o colecionador é, antes de qualquer coisa, um indivíduo que abre espaço para a conservação e preservação dos objetos através da formação de coleções, que seguem critérios estabelecidos subjetivamente/coletivamente.

Alinhada a instrumentalização desses conceitos, foi seguida uma metodologia de natureza qualitativa, com o intuito de identificar e perceber questões abordadas no trabalho. As ferramentas metodológicas usadas foram: pesquisas bibliográficas, pesquisas de campo e entrevistas. Desse modo, as pesquisas bibliográficas foram desenvolvidas com base em materiais já elaborados convencionalmente. Para Moresi (2003), a pesquisa bibliográfica é um

estudo sistematizado, desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Assim, utilizamos materiais como livros, artigos, monografias, dissertações, jornais e outros, tendo como fontes, o acervo particular de Dona Marisa.

A pesquisa de campo foi uma ferramenta metodológica que possibilitou o acesso de fatos particulares presentes no Museu do Sertão Antônio Coelho. Para Moresi (2003:9), "pesquisa de campo trata-se de uma investigação realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo". Dessa forma, a pesquisa de campo consistiu na realização e desenvolvimento das visitas ao Museu do Sertão Antônio Coelho, que possibilitaram o acesso ao acervo museológico, assim como o contato com Dona Marisa.

As entrevistas realizadas com Dona Marisa foram desenvolvidas de forma semiestruturada, seguindo um roteiro previamente estabelecido. De acordo com Manzini (1991), a entrevista semiestruturada tem como foco um assunto específico, sobre o qual é possível confeccionar um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Na execução, foram obedecidos alguns momentos e lugares, levando em consideração principalmente o contexto da entrevista, com o objetivo de obter informações relacionadas à colecionadora Dona Marisa Muniz.

### **Trajetória da colecionadora Dona Marisa Muniz**

Marisa Lúcia Santana Nascimento, nasceu no dia 28 de fevereiro de 1942, em Remanso, Bahia (Figura 1). É uma das antigas moradoras do Bairro Capão de Remanso Velho. Popularmente, é conhecida como Dona Marisa Muniz. Seu sobrenome Muniz é uma forma de homenagear seu pai. Dona Marisa Muniz é filha de José Muniz de Nascimento e Julita Santana, camponeses que viveram no sertão baiano. O casal teve três filhos, Dona Marisa Muniz foi a primeira filha do casal, seguida de Sônia e Geraldo Muniz.



Figura 1: Dona Marisa Muniz<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Imagem extraída de <<http://umhomempensando.blogspot.com/2014/07/museu-do-sertao-remanso-bahia-imagens.html?m=1>>, acesso em fevereiro de 2022.

De seus pais herdou características e hábitos bem particulares, conforme relata: de seu pai herdou à vontade pelos estudos, enquanto de sua mãe, herdou a capacidade de produzir e criar pratos da culinária local. Dona Marisa Muniz cresceu diante do cenário religioso católico, com a fé no Divino Espírito Santo, em Nossa Senhora do Rosário, no Bom Jesus da Lapa, e em muitos outros rituais do catolicismo popular, como terços, novenas, missas, entre outros. Em sua infância, Dona Marisa estudou apenas as séries iniciais, ficando dois anos em internato. Compartilhou parte de sua formação com sua irmã paterna, Mirian (Muniz, 2011).

Casou-se muito jovem com Washington e, aos 18 anos de idade, Dona Marisa foi mãe pela primeira vez. O casal teve nove filhos: Leila, Ana Maria, Dácio, Washington Júnior, Bartira, Lúcia, Maria Anália, Tibério e Wellington. Viveu por muitos anos na localidade de Lagoa do Mato, em Remanso, com seu companheiro e seus filhos, enfrentando dificuldades econômicas, culturais e regionais. Assim conheceu a labuta de lidar com a seca, o trato dos animais (cabra e gado) e, com muita luta e trabalho, criou seus filhos e deu a eles o costume de estudar e trabalhar (Muniz, 2011).

Quando tinha 33 anos, Dona Marisa, junto com todos os remansenses, foram surpreendidos com a notícia de que a cidade de Remanso seria alagada em virtude da obra do Lago de Sobradinho. Com isso, a população local foi obrigada a deslocar-se da área (Muniz, 2011). Foi em 1971 que chegou em Remanso a notícia da construção da Barragem de Sobradinho, pela Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – Chesf, no auge da Ditadura Civil-Militar no país. A construção da barragem hidroelétrica de Sobradinho alagou a sede dos municípios de Sento Sé, Casa Nova, Pilão Arcado e Remanso, que se situavam na área de influência do empreendimento (Ledoux, 2017).

Diante do alagamento do território urbano de Remanso Velho em 1972, os moradores foram deslocados para a nova cidade de Remanso, que foi construída a aproximadamente seis quilômetros de distância da antiga sede. A partir desse momento, passou a existir duas cidades chamadas Remanso: Remanso Velho, que foi alagada para a instalação da Barragem de Sobradinho; e Remanso, o município que foi novamente construído para abrigar os antigos moradores de Remanso Velho, a partir do processo de deslocamento (Ledoux, 2017).



Após a desapropriação da antiga cidade, houve muitas mudanças no contexto do Remanso. Além da inundação e da redução das navegações, parte da materialidade afetiva dos moradores foi demolida pelas águas do rio, marcando a história e memória dos sertanejos e sertanejas que habitavam aquele espaço. Com isso, o patrimônio local estava ameaçado, de modo que seus fragmentos passam a catalisar a construção de memórias, atribuindo um sentimento de pertencimento à antiga cidade (Silva, 2019).

Percebendo essa situação, Dona Marisa começou a se questionar sobre a necessidade de manter o patrimônio local vivo e permanente, outorgando para si o papel de guardiã desse passado e de seus vestígios. Para a senhora, as lembranças eram insuficientes e vazias para tamanho o descaso em relação à história local, sendo necessário dar concretude a essas memórias por meio do salvamento e valorização de cultura material que estava desaparecendo ou sendo ignorada (Silva, 2019).

De fato, a inundação, acompanhada pelo deslocamento da população, causou muita dor nos moradores e com Dona Marisa não foi diferente. Inclusive foi uma das antigas remansenses que mais demonstrou angústia e desprezo pela construção nova, ao passo que seus sentimentos por Remanso Velho eram sempre carregados de saudosismo. Dona Marisa vivenciou e sentiu a destruição de referências dos antigos moradores de Remanso Velho, pois na nova cidade a vida econômica, social e cultural era totalmente diferente, era outro cotidiano (Silva, 2019).

Diante dessa situação de risco de esquecimento de Remanso Velho, Dona Marisa começou a se questionar sobre sua memória e identidade, assim como dos seus conterrâneos. Tentando minimizar as saudades e, fortalecer as lembranças vinculadas à antiga cidade, a senhora escreveu dois livros retratando essa história, abordando de uma forma geral as águas do Rio São Francisco, a destruição de sua cidade natal e a seca na caatinga.

Seu primeiro livro foi *Remanso - Pedaco de um Chão*, lançado em 2000, com o apoio de suas filhas. O segundo livro *Remanso - Pedaco de um Chão parte II*, lançado em 2011, com o apoio do Professor Alcides, seu amigo. Este trabalho retrata detalhadamente a história de Remanso Velho. Porém, para Dona Marisa, escrever era insuficiente para tornar concreto o passado. Foi por isso que logo começou a colecionar objetos pertencentes ao contexto da antiga cidade, com



o intuito de institucionalizar um museu em Remanso, que enquadrasse narrativas sobre a história da cidade, em consonância com a experiência com os objetos (Mageste, Silva, 2022).

Assim, o processo de formação das coleções iniciou-se com a necessidade de Dona Marisa em ver a memória de Remanso Velho preservada, encontrado na ideia de museu, uma saída para representar a existência de sua antiga cidade. Com este propósito, iniciou a junção de objetos, que foram adquiridas por meio de doações, compras e, como explica Dona Marisa, até mesmo "roubadas" de pessoas íntimas:

Eu fui comprando, pedindo e roubando, tem no histórico do museu isso, eu roubava de pessoas conhecidas, por que elas não queriam me dar eu ia lá e pegava escondido, peguei essa roupa de vaqueiro aqui do meu marido, ele não queria me dar, e até hoje ele ainda diz que vem aqui no museu pegar ela, a mais eu não vou deixar ele tirar ela daqui por nada. Foi vendendo marmitta que comprei os objetos aqui do museu, muita coisa aqui é comprada, a maioria das coisas aqui foi comprado, não pensem que aqui foi doado não, eu aponto com o dedo o que foi doado aqui, mas é assim mesmo, né (sic)"<sup>4</sup>.

Em 2002, Dona Marisa fundou o Museu do Sertão Antônio Coelho (Figura 2), de cunho institucional privado, abrigando um acervo muito rico em artefatos e produtos ligados à vida e história dos antigos moradores de Remanso Velho. De acordo com a fundadora do museu, inicialmente o museu funcionava em uma casa de forma improvisada, pois não tinha uma sede própria. O acervo ficava em uma residência pequena de aluguel, que não apresentava uma estrutura adequada para recepção dos objetos, além de apresentar aparência física muito degradada. Em um primeiro momento, o museu foi nomeado como Museu Arte e Cultura e, no decorrer do tempo, foi se consolidando e ganhando o apoio de remansenses que se comoviam com a incansável luta da colecionadora (Silva, 2019).

---

<sup>4</sup> Entrevista com Dona Marisa Muniz, 77 anos, realizada em 12 de fevereiro de 2019 (Silva, 2019).



Figura 2: Fachada atual do Museu do Sertão Antônio Coelho. Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022.

Em 2004, Dona Marisa recebeu de seu amigo, Professor Alcides Ribeiro Filho, fundador da Faculdade Alfredo Nasser de Remanso – Unifan, uma doação financeira no valor de 15 mil reais para ser aplicada no museu. O apoio do professor Alcides foi crucial para o Museu Arte e Cultura, pois através de sua doação o espaço conseguiu uma sede própria, na Rua Francisco Leobas, nº 586, em Remanso, Bahia (Figura 3). Logo em seguida a sua inauguração, em 2008, passou a ser chamado de Museu do Sertão Antônio Coelho. A denominação é uma forma de homenagem de Dona Marisa ao seu padrinho Antônio Coelho, demonstrando sua admiração e respeito ao mesmo (Silva, 2019).

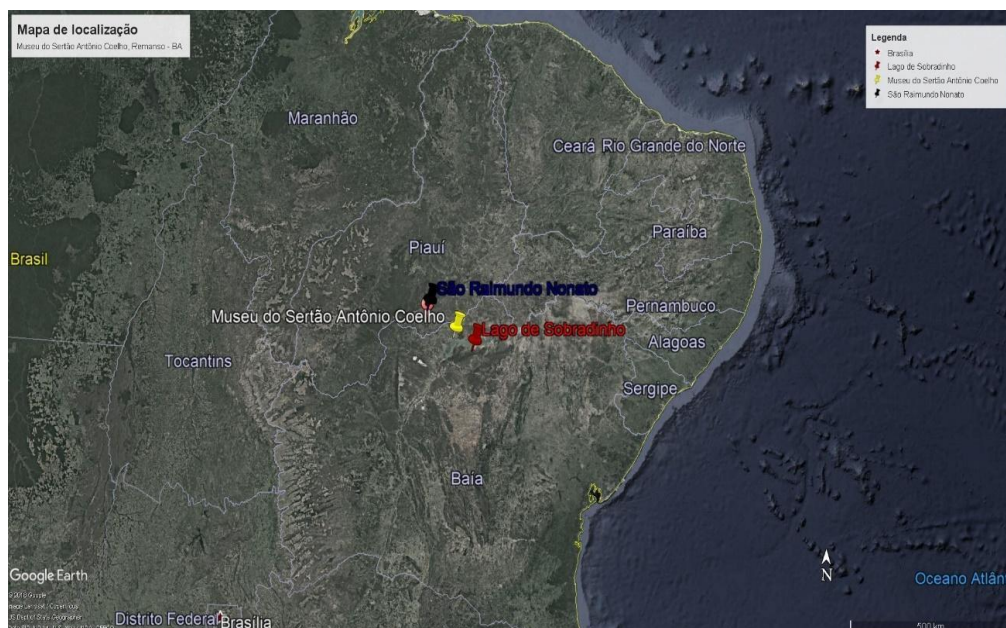


Figura 3: Mapa de localização do Museu do Sertão Antônio Coelho. Fonte: Google Earth, 2019.

As coleções museológicas do Museu do Sertão Antônio Coelho são formadas pela cultura material de antigos moradores da Velha Remanso, conforme já mencionado: peças e produtos que formam o acervo representam a história de sertanejos e sertanejas que vivenciaram a destruição da antiga cidade (Silva, 2019). Desse modo, o museu é formado por objetos ligados a atividades domésticas e econômicas (atividades de pesca, caça, agricultura, comércio, navegações e campo), conforme salienta Dona Marisa Muniz (Figuras 4):

“Aqui eu tenho tudo que tinha lá... eu tenho eu tenho o ferro, tenho a balança, tenho cama de solteiro, tenho pinico, tenho caneco, tenho os pratos, na hora de comer sentava a mãe, sentava o pai, e sentava os filhos, todos ao redor da mesa, rezavam, e bença mãe, bença pai, e depois comia... hoje ninguém faz mais isso, ninguém sabe mais o que é isso, lá em Remanso Velho era assim... (sic)”<sup>5</sup>



Figura 4: Objetos pertencentes ao Museu do Sertão Antônio Coelho, referente a atividades domésticas e econômicas. Fonte: Silva, 2019.

Além disso, o acervo do museu é formado por acervos de livros, exposição de fotografias de importantes momentos vivenciados na antiga cidade, artigos religiosos e tradicionais (Figura 5). A coleção religiosa é composta por artigos do contexto religioso de Remanso Velho, como imagens de santos, rosários, arranjos, vestimentas de padre, crucifixos, oratório, dentre outros. Ao apresentar a coleção de peças religiosas, Dona Marisa Muniz, narra:

“Essas coisas religiosas aqui são lá do Remanso Velho, no tempo do Remanso velho toda vez chovia nós pegava os santos e saía andando na rua rezando e agradecendo a Deus, era muita gente que ia na caminhada, todo mundo fazia isso... hoje ninguém mais sabe o que é isso, os jovens de hoje não conhece esses santos, não sabem rezar, mais lá no Remanso Velho nós fazia nossas rezas, todo mundo sabia rezar. Tinha as novenas, as rezas, os terços, nós fazia promessas com os santos, e nossos pedidos era atendidos minha filha (sic)”<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Entrevista com Dona Marisa Muniz, 77 anos, realizada em 12 de fevereiro de 2019 (Silva, 2019).

<sup>6</sup> Entrevista com Dona Marisa Muniz, 77 anos, realizada em 12 de fevereiro de 2019 (Silva, 2019)





Figura 5: Artigos religiosos e tradicionais. Fonte: Silva, 2019.

Em meio a variedade tipológica de objetos, o acervo apresenta a coleção museológica dos vaqueiros, onde estão suas vestimentas, como gibão, perneiras, chapéu, entre outros (Figura 6). Além disso, encontram-se presentes os objetos usados pelo cavalo, como a sela, chicote, esporas, entre outras coisas. Assim, a coleção é formada basicamente por objetos pertencentes

à labuta dos sertanejos no campo, tendo como referência os principais apetrechos utilizados pelos vaqueiros.



Figura 6: Indumentárias de vaqueiro. Fonte: Silva, 2019.

Para melhor expor os objetos colecionados, o museu apresenta a reprodução de uma casa de farinha e de uma casa de taipa, ambas instrumentalizadas conforme a forma de organização doméstica do período, pois essas faziam parte do cotidiano dos moradores de Remanso Velho. A casa de taipa, além da representação da estrutura em si, a mesma é ornamentada por objetos e artefatos do seu contexto, como pote na forquilha, fogão a lenha no chão, cama com colchão de capim, dentre outras especificidades de uma casa de taipa (Figura 7).



Figura 7: Casa de taipa. Fonte: Silva, 2019.

Ao abordar a casa de taipa em suas memórias, Dona Marisa narra:

“Em Remanso Velho tinha casas de taipa, era pouquinhas mas ainda tinha algumas, a casa de taipa era feita de madeiras, barro, caruá e palha. Veja aqui, colocava essa furquias, e essas varas e ia amarrando tudo com o caruá, depois era só encher de barro que as paredes tava pronta, e cobria com essas palhas, tá vendo como aqui dentro é fresquinho minhas filhas. A casa de taipa era pequena assim, nela sempre tinha uma caminha assim, feita de pau e com o colchão de capim, aqui do lado ficava o pote na furquia mesmo, veja como a água é geladinha, aqui desse lado da cama fica o fogão a lenha, era no mesmo feito só como essas três pedras, aqui a mãe fazia o mingau e dava pra os filhos, quando era à noite a mãe sentava do ladinho da cama e ao redor da cama sentava os meninos, a mãe contava história de Trancoso até seus filhos dormir. A casa era pequena assim mesmo, a gente só entrava pra dentro mais a noite... (sic)”.<sup>7</sup>

Por sua vez, a casa de farinha é formada por uma pequena cobertura de telhas suspensa por colunas de madeira e também pela mobília que a compõe, como forno, gamela, prensa e mesa. Além disso, a estrutura da casa de farinha é ornamentada por alguns artefatos pertencentes às atividades de agricultura, caracterizando assim a lida do sertanejo (Figura 8).

---

<sup>7</sup> Entrevista com Dona Marisa Muniz, 77 anos, realizada em 12 de fevereiro de 2019 (Silva, 2019).





Figura 8: Casa de Farinha. Fonte: Silva, 2019.

Ao apresentar a casa de farinha Dona Marisa Muniz, narra:

“Aqui é uma casa de farinha, antigamente tinha muitas casas de farinha pra labutar com a mandioca, aqui faz a tapioca, a farinha... hoje a gente só vai no mercado e compra tudo pronto, antigamente ninguém comprava não, fazia era fazer... aí eu mandei fazer essa casa de farinha aqui no museu porque quando o povo vinha aqui que eu falava nas casas de farinha ninguém sabia o que era, depois que eu mandei fazer ela aqui eu tenho como contar a história e mostrar como era uma casa de farinha do mesmo jeito que era em Remanso (sic)”<sup>8</sup>

É importante destacar que as coleções do Museu do Sertão Antônio Coelho estão dispersas em todos os espaços do museu. Os objetos não estão organizados em roteiros previamente estabelecidos. Os agrupamentos de artefatos estão voltados para apresentação dos modos de vida e cotidiano dos moradores da antiga cidade. Eles estão distribuídos por uma casa, onde cada cômodo foi adaptado para armazenar as coleções, mantendo os critérios de organização da colecionadora. A casa de armazenamento do acervo museológico é dividida em três cômodos

---

<sup>8</sup> Entrevista com Dona Marisa Muniz, 77 anos, realizada em 12 de fevereiro de 2019 (Silva, 2019).



internos, acompanhada de dois muros externos, um na parte da frente e outro no fundo da casa (quintal).

De acordo com a Dona Marisa, a exposição das coleções é estruturada a partir do cotidiano e costumes dos antigos moradores de Remanso Velho, pois cada grupo de objetos tem sua temática particular, seja ela representada a partir de aspectos culturais, econômicos, religiosos ou sociais ligadas ao contexto de Remanso Velho. Os objetos das coleções representam os modos de sobrevivência e lazer da população de Remanso Velho, assim, podemos perceber que as coleções compõem um mosaico heterogêneo, na medida em que são compostas por objetos de distintas tipologias.

Parte de sua configuração atual foi formatada desde 2013, quando o Museu do Sertão Antônio Coelho passou pelo processo de requalificação através do Edital 15/2013 – Setorial de Museus, com apoio do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Governo do Estado da Bahia, para elaboração do Plano Museológico e Projeto Museográfico do espaço, coordenado pelos museólogos Aníbal Gondin e Simone Trindade (Ledoux, 2017). Na ocasião, o museu foi cadastrado no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Contudo, vale lembrar, que não recebe repasses financeiros frequentes e também não integra a estrutura de distribuição de recursos da prefeitura ou do estado, sendo definido enquanto instituição privada.

Após ter formado o Museu do Sertão Antônio Coelho, Dona Marisa escreveu seu terceiro livro, *Entre fatos e memórias*, em 2013, abordando a história do seu próprio museu, consolidado com a história da Velha Remanso e a persistência desta no presente (Silva, 2019). Na obra, relata a vontade de escrever livros retratando a história da destruição de Remanso Velho, que culminou no interesse pelo patrimônio local representado pelos objetos colecionados. Dona Marisa formou assim seu acervo museológico a partir de atos de colecionar objetos, fundando o Museu do Sertão Antônio Coelho.

Diante da acomodação de objetos e da criação do espaço museológico, Dona Marisa presenteou Remanso com patrimônio local que transcende a materialidade colecionada para se referir a um desejo pela preservação da memória de Remanso Antigo. Vale ressaltar que a formação do acervo apresentado foi um processo longo e complexo, pois trata-se de uma construção ligada a história de vida da colecionadora e sua subjetividade, já que os ciclos de formação de coleções

articulam-se com ciclos da vida, percebidos nas trajetórias individuais dos colecionadores (Baudrillard, 2002). Portanto, essas coleções são frutos de um passado comprometido e marcado pelo alagamento de Remanso Velho, enquanto são uma extensão do corpo de Dona Marisa, pois esses objetos carregam em seu contexto a memória e identidade da própria colecionadora que viveu e sentiu a destruição de sua cidade, assim como dos seus conterrâneos.

Frente a esse cenário, concluímos que Dona Marisa apresenta-se como guardiã da memória e personagem de fundamental importância para valorização da história de Remanso Velho a partir de seu acervo museológico. Tem militado, desse modo, pela salvaguarda dos fragmentos da antiga cidade, materializando memórias por meio de suas coleções. Dona Marisa contextualiza essa história a partir de suas experiências com os objetos, levando em consideração sua biografia, a insatisfação com o alagamento, a saudade e o desejo de tornar o passado presente.

### **Considerações Finais**

Com base no desenvolvimento deste trabalho, buscamos apresentar a trajetória de Dona Marisa Muniz, mais especificamente suas práticas atreladas ao ato de colecionar objetos e, conseqüentemente, os desdobramentos dessas ações. Podemos concluir que Dona Marisa apresenta em seu legado enquanto colecionadora, cujo desejo de colecionar e guardar lembranças e memórias influenciou em sua vida pessoal e social. Assim, configurou uma imagem pública que, para além de colecionadora, apresenta-se como guardiã da memória, ao advogar pela preservação da história de sua antiga cidade.

Desse modo, Dona Marisa é uma colecionadora que, desde as iniciativas de escrever livros e guardar objetos pertencentes ao recorte temporal de alagamento de Remanso Velho, manteve a preocupação com suas memórias e a necessidade de conferir a elas concretude por meio de objetos, gerando o patrimônio musealizado no Museu do Sertão Antônio Coelho. Por sua vez, o espaço expressa e articula memória a partir das concepções de reconhecimento de cada coleção, no que diz respeito à sua disposição no museu e sua ressonância com a colecionadora e com os públicos (Gonçalves, 2005).

Por fim, a dedicação de Dona Marisa com os objetos colecionados age no particular da colecionadora, sobretudo, nos elos construídos a partir de emoções e recordações. Nesse

percurso, escrever sobre a trajetória da colecionadora, refletindo sobre os processos de formação das coleções e a criação do Museu do Sertão Antônio Coelho, nos possibilitou transitar pelos campos museológico/arqueológico/patrimonial. Especificamente no tocante a aplicação de um olhar arqueológico, o exercício explicitou conexões entre cultural material e sua relação com a memória, evidentes nas trajetórias de indivíduos e acervos.

### **Agradecimentos**

Agradecemos a Dona Marisa Muniz pelo acolhimento no Museu do Sertão Antônio Coelho e colaboração para realização deste estudo, compartilhando suas memórias através de suas narrativas e coleções. Agradecemos também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (Fapepi), pela concessão de bolsa que tem permitido a continuidade dos estudos.

### **Referências**

- BAUDRILLARD, J. 2002. O sistema dos objetos. São Paulo: Editora Perspectiva.
- BEZERRA, M. 2017. Teto e Afeto: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia. Belém: GK Noronha.
- CABRAL, M. 2014. No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta. Tese de doutorado em Antropologia. Universidade Federal do Pará, Belém.
- CURY, M. X. 2005. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume.
- DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. 2013. Conceitos-chave de museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Secretária de Estado de São Paulo.
- ELÍBIO JR. A. M. 2014. Do colecionismo privado à musealização do objeto: A trajetória da Coleção de Wolfgang Ludwig Rau. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.4, n.10, p. 1-14.
- FUNARI, P. P.; CARVALHO, A. V. 2009. Cultura Material e Patrimônio Científico: discussões atuais. In: GRANATO, M.; RANGEL, M. F. (Orgs.). Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia. Rio de Janeiro: MAST. p. 3-13.
- GONÇALVES, J. R. S. 2005. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. Horizontes Antropológicos, n. 23, p. 15-36.
- LEDOUX, N. R. P. 2017. Arquiteturas sufragadas e memórias construídas: Uma arqueologia da memória da Remanso submersa – BA. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.

MAGESTE, L. E. C.; SILVA, A. O. 2022. Coleção, Colecionadora e Museu: Uma pesquisa acerca do Museu do Sertão Antônio Coelho em Remanso-BA. Resumo expandido. Revista de Ciências Humanas – CAETÉ, vol. 4, nº1, p. 183-196.

MANZINI, E. J. 1991. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158.

MORESI, E. 2003. Metodologia da Pesquisa. Universidade Católica de Brasília. Brasília.

MUNIZ, M. 2011. Remanso pedaço de um chão II. Help, Goiânia.

OLIVEIRA, C. 2014. JONATHAS ABBOTT: Individualidade E Coleccionismo na Bahia no século XIX. Sociologia & Antropologia, vol.4, nº2, p.565-584.

POMIAN, K. 1984. Coleção. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda. p. 51-86.

SILVA, A. O. 2019. Coleção, Colecionadora e Museu: Uma pesquisa acerca do Museu do Sertão Antônio Coelho em Remanso-BA. Trabalho de Conclusão de Curso em Arqueologia e Preservação Patrimonial. Universidade Federal do Vale do São Francisco. São Raimundo Nonato.